

STARCRRAFT®

LEGACY OF THE VOID™



BILZARD
ENTERTAINMENT

BLIZZARD ENTERTAINMENT

Em chamas tudo terminará

Robert Brooks

Parte Um

Todos os tripulantes nas duas naves-mãe estavam condenados.

Rohana e suas irmãs estavam a trilhões de quilômetros de distância, mas elas compreenderam tão bem quanto as tripulações. Emoções fortes sobressaíam em meio ao caos. *Desespero. Choque.* Não era para aquilo acontecer. Não era possível. *Não pode ser esse o nosso destino,* gritavam os corações dos tripulantes. Rohana sentiu duramente as palavras.

A gravidade os puxava implacavelmente em direção à morte. Ela também sentiu isso.

O infortúnio das naves-mãe começou sem aviso. Um cristal khaydarin — a fonte principal de poder — se fraturou, desligando um dos propulsores da nave. Como a nave ainda não estava em órbita ao redor da estrela de nêutrons, começou a cair na direção dela. A outra nave-mãe tentou ancorá-la então. O comandante esperava que o empuxo conseguiria levar as duas naves para longe da estrela. Funcionou. Juntas, as naves se dirigiram para uma órbita segura.

Aqueles foram momentos de extrema intensidade. *Orgulho. Júbilo.* Os oito mil quatrocentos e sessenta e três tripulantes se uniram naquelas emoções, celebrando a engenhosidade e a valentia da segunda nave.

E então o impossível aconteceu.

O cristal da segunda nave-mãe também se apagou. *Medo. Descrença.* Dois cristais khaydarin falhando ao mesmo tempo era impensável! Eles eram criados com precisão infinitesimal. Em todos

os milênios de exploração das estrelas os cristais dos Primogênitos só tinham falhado uma vez! Agora dois falhavam? Ao mesmo tempo? Em uma órbita descendente?

O Khala carregava essas emoções e mais. As grã-preservadoras testemunhavam todas.

"Nunca houve um desastre assim", observou Rohana.

"Uma tragédia única. Compete a nós compreender esse acidente", concordou Orlana, sua irmã mais velha.

"Acidente? Sabotagem, é mais provável", acrescentou Shantira, a irmã mais jovem.

"Em duas naves?", perguntou Orlana.

"Exatamente. Considere as probabilidades. Se acontece uma vez, pode ser acidente. Se acontece duas vezes, em sequência, pode ter sido intencional."

As três ficaram quietas. Eram as grã-preservadoras. As tripulações ainda não estavam mortas. As emoções deles revelariam a verdade. As irmãs mergulharam no Khala, inspecionando cada flutuação no fluxo. Não havia qualquer vestígio de satisfação sinistra entre a tripulação. Nem um traço de prazer. Todas as almas a bordo lutavam para sobreviver. Um sabotador certamente sentiria *alguma coisa* diferente dos demais.

"Não foi sabotagem", concluiu Shantira calmamente, curvando-se às provas.

A força cinética carregava as duas naves em direção à estrela de nêutrons. *Determinação. Frustração.* Não podia acabar assim. Não podia. Tinha que haver uma solução. As tripulações correram de um lado a outro por horas, desesperadamente. Tudo em vão. A gravidade era inclemente. As temperaturas começaram a subir quando a contenção de calor da nave foi sobrecarregada. As asas brilhavam com a radiação da estrela. Logo os escudos se desligariam e as tripulações estariam condenadas a uma morte agonizante.

Uma irrupção de novas emoções disparou por entre elas. Começou em um modulador e se espalhou pelo Khala como um incêndio. Horror. Desespero. O problema tinha sido descoberto: era um mero detalhe, uma imperfeição no modo como a energia em excesso era ventilada entre as asas das naves-mãe ao manobrem em gravidade alta. Um pulso retornou ao cristal da nave, destruindo-o. Quando a segunda nave ancorou a primeira, o mesmo erro destruiu o seu cristal também.

Não fora sabotagem, mas uma circunstância com probabilidade de um para um bilhão na pior hora possível, na órbita de uma estrela de nêutrons não mapeada. Apenas ali, em tamanha fonte gravitacional, esses acontecimentos seriam fatais.

E não havia mais dúvida mesmo entre os mais esperançosos da tripulação: aquilo *era* fatal. Não havia outras naves protoss por perto. A rede de transdobra do império não chegava àquele sistema não mapeado. A estrela os destruiria a todos.

Raiva. Fúria. Irrrompendo entres as tripulações. Muitos a bordo tinham sonhado com uma morte gloriosa no campo de batalha, não *aquilo*. Não um final sem significado causado por um acidente.

"Não há nada que possamos fazer?", perguntou Rohana. Sua área de experiência era militar, não física. Ela queria um consenso. Suas irmãs entenderam isso.

Shantira já estava fazendo cálculos, com o dedo traçando sinais no ar para ajudá-la a pensar. Finalmente baixou a mão e constatou: "Eles atravessaram o ponto sem retorno. Não há como escapar."

"Nenhuma chance", concordou Orlana. Ela vasculhava as emoções dos líderes da nave; eles haviam perdido a esperança.

A raiva durou apenas alguns instantes. Todos os protoss, não importava a casta, aprendiam a dominar as emoções em momentos de crise. Sem autocontrole, o Khala podia se tornar instável. Mesmo diante da morte certa, eles não abandonavam sua honra e tradições. Logo a raiva das tripulações se dissipou. Outra coisa veio substituir essa emoção.

"Aqui está." Os olhos de Rohana se abriram mais.

Ela olhou para as irmãs. Elas também tinham sentido.

"A emoção final", disse Orlana.

As irmãs identificaram-na antes mesmo que as tripulações o fizessem. As sementes dessa emoção pulsavam bem dentro do Khala, bem mais fundo do que os protoss costumavam ir. Poucos sequer tentariam ir tão fundo. O Khala não era perigoso, mas suas correntes eram poderosas. Nas profundezas, era difícil manter o foco e o equilíbrio para examinar cada nuance. Só as mentes mais poderosas conseguiam. A maioria das preservadoras falharia.

Era por isso que as três irmãs eram grã-preservadoras. Elas podiam sentir o que os outros não podiam.

E o que elas sentiam borbulhava nas profundezas, se espalhando pelas naves-mãe no tempo de algumas batidas do coração.

Aceitação. A emoção final.

Se o destino decretava *esse* fim, então que fosse. A raiva era natural, mas tinha sido deixada de lado. A emoção final preencheu cada coração como uma maré se erguendo e o Khala os ergueu a todos, unindo seus espíritos. Milhares e milhares de almas aceitavam o fim juntas, e a canção de seus últimos instantes ressoou pelo cosmos.

Não eram apenas Rohana e suas irmãs quem ouviam. Outros em Aiur estavam se dando conta. Eles se juntaram, milhões deles, erguendo os espíritos em solidariedade. Logo, todas as castas de Aiur tinham se unido às naves-mãe e suas tripulações. O coro de glória se espalhou para outros planetas. Para outros sistemas. Por todo o império.

As tripulações condenadas sentiram os olhos de todos os Primogênitos sobre eles, e suas almas subiram mais alto ao se perderem em êxtase.

As três irmãs usaram de todas as forças para não se unirem aos outros. Rohana tremia com o esforço. Aquele dia seria lembrado por milênios. Não havia nada de mais belo e puro que o último rugido de um Primogênito. Ouvir o império inteiro rugindo como uma só pessoa...

A última vez fora há oitocentos anos, na batalha final em Khardalas, e antes disso, dois séculos antes, na emboscada em Faranai...

Não. Haveria tempo bastante para analisar tudo depois. Oito mil, quatrocentos e sessenta e três protoss estavam prestes a morrer. Suas memórias tinham que ser salvas. Ao fazer isso, as grã-preservadores experimentaríamos as mortes deles. De cada um deles.

"Isso não será fácil", comentou Orlana.

Rohana fechou os olhos. *Orlana é a rainha do eufemismo.* Gerações tinham se passado desde a última perda de vidas em massa, e na época as preservadoras só conseguiram salvar uma porção das memórias dos falecidos. Aquilo não aconteceria hoje. Mas o peso da tarefa seria insuportável.

Uma dessas memórias preservadas chamou sua atenção. Havia uma antiga tribo que suportara incontáveis tempestades nas montanhas de Aiur. Seus membros tinham aprendido a sobreviver aos tufões nos platôs expostos, com ventos tão fortes que chegavam a desarraigar as árvores. Havia muito a aprender ali. "*Curve-se ao vento. Deixe que ele passe sobre você e ao seu redor*", disse Rohana, citando um chefe de tribo falando com seus seguidores. Não só as palavras dela mas as *dele* viajaram pelo Khala até a mente das outras grãs-preservadoras. "*Não deixe o vento quebrar você.*"

Rohana sentiu a mudança nas irmãs. Elas seguiriam seu aviso.

As grã-preservadoras flutuavam em círculo um metro acima do chão, com as pernas cruzadas, sustidas suavemente por seu poder psiônico. Elas se deram as mãos. Abriam suas mentes aos oito mil, quatrocentos e sessenta e três indivíduos e tentaram isolar todos os demais. Isso seria impossível, claro.

Orlana apertou forte as mãos das irmãs. "*Lá se vão eles*", disse ela.

As tripulações começaram a morrer.

Os moduladores, expostos mais diretamente à radiação da estrela de nêutrons, morreram primeiro. Não foi um fim rápido. Mas eles lutaram contra a dor, emprestando suas mentes à canção do Khala tanto quanto puderam até a morte finalmente lhes conceder alívio. O conhecimento técnico dos moduladores, sua perícia, cada batida de coração da primeira à última, tudo passou para Rohana, Orlana e Shantira.

Preservado para todo o sempre.

Os outros membros da tripulação não duraram muito mais. E estavam partindo todos ao mesmo tempo em ambas as naves. A força de suas memórias desabou feito um vagalhão sobre as três irmãs.

Rohana sentiu a mente sendo sacudida pela tempestade. Não lutou contra a sensação. Suor porejava e escorria por suas costas. Sempre que uma das irmãs perdia o foco, as outras duas a ancoravam até ela se recuperar. Vidas inteiras passaram pela mente de Rohana. Ela se agarrou a todas enquanto a canção de glória do Khala e a agonia de milhares de mortes a sacudiam de um lado a outro.

Mas ela se curvou ao vento. Ela não quebrou. Nem suas irmãs.

Este aqui viveu em Aiur a vida inteira... Este aqui superara um ferimento incapacitante no planeta Zhakul e escapara de uma erupção vulcânica... Esta aqui tinha construído uma nova matriz para

lançamento de transportadora, e estava começando a trabalhar em uma expansão da rede de transdobra...

O fogo acabou com os vivos em um instante explosivo.

E cada alma — sim, *cada uma delas* — tinha sido preservada.

Tinha acabado. O alívio sobreveio às irmãs como um golpe físico. Orlana caiu para trás e seus pés bateram forte no chão. Rohana e Shantira não a largaram, e ela não desabou completamente. Pouco depois, já tinha se recuperado e seus pés se levantaram no ar outra vez.

"Obrigada", disse Orlana.

A canção do Khala continuou. O império tinha sentido a *aceitação* das tripulações. Só Orlana, Rohana e Shantira tinham vivido as oito mil, quatrocentos e sessenta e três mortes. Mesmo os tripulantes só tinham morrido uma vez.

As irmãs ficaram ali, juntas, até que a dor passasse. Levou bastante tempo.

"Eles foram queimaram vivos", disse Rohana. Ela estava chorando. Todas estavam.

Orlan apertou sua mão. "Eu sei."

"Não é assim que um Primogênito deve morrer."

"Não." Shantira estremeceu.

"Nós temos as memórias deles. Haverá muito a aprender com elas." Rohana hesitou. Elas teriam que reviver aquelas mortes repetidas vezes. Mas era o seu dever. Ela não o evitaria. "Esta tragédia não nasceu da malícia ou estupidez, mas do acaso. Essa é a nossa nova tarefa, irmãs. Nós vamos dizer ao império como impedir que isso aconteça novamente."

"A falha nas naves-mãe será consertada. Não precisam de nós para isso", disse Shantira.

"Não, não precisam. Não para isso", disse Rohana.

Orlana piscou. Ela compreendeu a intenção de Rohana. "Uma falha ignorada causou um evento colossal. Você quer encontrar uma solução para *todas* as falhas ignoradas."

"Da próxima vez podem não ser duas naves perecendo por causa de um desastre imprevisto", disse Rohana. "Hoje nós perdemos exploradores. Da próxima vez podemos perder uma colônia inteira. Ou uma frota de guerra. Imagine o que poderia acontecer. Até Aiur poderia perecer."

"Isso nunca vai acontecer", disse Orlana.

"Mas você entende qual é minha ambição."

Shantira começava a entender, embora ainda hesitasse. "É impossível dar conta de *todos* os desastres em potencial", disse, cautelosa. "Todo progresso gera erros. Às vezes vidas são perdidas. Isso é lamentável, mas é esperado. Se nós cercearmos a inovação por medo do que *pode* acontecer, o resultado será a estagnação."

"Não estou sugerindo que podemos impedir cada morte. Eu estou dizendo que cada morte é uma lição. Não só as de hoje. Todas elas. Nós temos as memórias de todo Primogênito que já viveu desde o final da Era do Conflito até aqui", disse Rohana. "Nós vamos encontrar padrões. Vamos encontrar pontos cegos nessas vidas passadas e nas nossas. Vamos encarar o futuro de olhos abertos; vamos descobrir o que torna nosso império vulnerável, e corrigir isso."

A hesitação das irmãs desapareceu. Novas emoções apareceram. Emoções complexas imbuídas de *determinação*. Todas pulsavam com a agonia da tragédia daquele dia. Uma dor assim não podia ser tolerada, simplesmente. Ela as impelia a agir.

"Nós vamos", disse Orlana.

Shantira estacou. "Tratar o acaso como inimigo. Isso nunca foi feito. Nunca em toda nossa história." Seu humor mudou, e ela pareceu feliz, mas de um jeito austero. "Que legado iremos deixar se derrotarmos esse inimigo, não é mesmo?"

Parte Dois

Tinha levado tanto tempo para construir, para aperfeiçoar. Agora estava pronto.

Orlana ia na frente em direção à ponte da nave, tão empolgada que chegou a descer ao chão, usando as próprias pernas para caminhar. Ela já não tocava o solo desde o desastre com as naves-mãe há muitos séculos. "Incrível", murmurava. Seus sentimentos ecoavam os de suas irmãs. Ela fez um gesto com os braços acima da cabeça, como se dissesse "olhem só para isso".

Era a primeira desse tipo. A primeira arca sideral.

"Que legado nós vamos deixar", disse Shantira, suavemente.

O nome evocava os dias do passado, quando os Primogênitos primitivos ainda trabalhavam com as mãos, arando o solo e caçando. Os que tinham navegado nos oceanos de Aiur há milênios tinham aprendido a respeitar os ventos e as ondas. As coisas podiam mudar em minutos, e barcos pequenos não se saíam bem nas tempestades. Aquelas tribos tinham construído navios maiores — arcas —, abrigos flutuantes para onde todos podiam fugir quando os ventos fortes soprassem.

E assim será novamente, pensou Rohana. Com aquele novo tipo de arca, os protoss não precisariam mais temer os ventos sombrios. Nunca mais. Não só por causa dos armamentos de que a nave dispunha, que eram muitos, nem pelos avanços tecnológicos, que eram inéditos...

Uma arca sideral com a tripulação completa podia lutar guerras sem apoio. Podia evacuar uma colônia inteira — um *sistema* inteiro cheio de colônias e postos avançados — graças a seus vastos salões repletos de cápsulas de estase. A nave podia perder força e ficar à deriva por séculos, e ainda assim manteria a tripulação viva por todo o tempo. A arca sideral tinha dezenas de quilômetros de comprimento e de largura, mas ainda assim era ágil e respondia rapidamente aos comandos. Podia manufaturar um esquadrão de batedores por dia, coordenar uma batalha sem fim no espaço e transdobrar os civis para um local seguro ao mesmo tempo. Todo sistema tinha redundâncias. A arca sideral tinha sido concebida e projetada como uma solução — *a* solução — para qualquer desastre ou guerra imaginável. O Conclave percebera a sabedoria daquela solução e concentrara toda a ambição do império dos Primogênitos em sua realização.

A felicidade pura de Orlana aumentava, pulsando através do Khala. Ela sempre amara arquitetura especialmente. "Você estava certa, Rohana" disse ela. "As paredes. Eu achei que elas atralhariam. Mas olhe!" Ali na ponte, as paredes eram feitas de pura energia esculpida. Invisíveis. O comandante

da nave teria uma visão desobstruída do campo de batalha. Ao redor delas, era possível ver as luzes de Aiur indo até o horizonte, e as estrelas brilhando acima de suas cabeças. "É maravilhoso."

Quantas batalhas perdidas na história não teriam sido vencidas se o comandante tivesse conhecimento completo, em primeira mão, do campo de batalha? *Quase todas, certamente. Comandantes sábios confirmam com os olhos o que seus subordinados acreditam.* O Khala só transmitia as emoções. Um guerreiro inexperiente podia julgar a batalha de modo errôneo. "O crédito é de nossa irmã mais nova, não meu", disse Rohana. "Sem ela, os moduladores jamais teriam completado isso."

Rohana sentiu as emoções serenas de Shantira. *Orgulho. Satisfação.* A tecnologia que tornara possível a arca sideral era fruto de seus esforços. Os operários Khalai entendiam de engenharia mais do que Shantira, mas ela tinha a memória de gerações de mestres para guiá-los e um entendimento absoluto de física para desafiar suas ideias. Para conseguir, eles passaram por ela. E ela os fez merecer sua glória.

Um membro do Conclave se aproximou das três irmãs, um judicante chamado Mardonis. "Vocês se unirão a nós lá embaixo para o lançamento?", perguntou ele.

"É claro", respondeu Rohana. Era um momento histórico. As grandes preservadoras tinham o dever de testemunhá-lo.

Mardonis as levou da ponte até as profundezas da arca sideral, guiando-as por todo o caminho. Depois de muitos quilômetros de corredores, eles chegaram ao núcleo, onde ficavam apenas alguns painéis de controle e uma esfera enorme no alto. Mesmo ali, no centro da nave, era possível ver as estrelas brilhando acima de Aiur. Mas aquelas estrelas não tinham interesse algum para as grã-preservadoras, para Mardonis, nem para o resto do Conclave, os moduladores e o único guerreiro que estava entre eles.

Aquelas estrelas estavam bem longe dali.

Uma nova estrela nasceria bem mais perto, entre eles.

Mardonis fez um gesto para o guerreiro. "Adun, poderia fazer as honras, por favor?"

Adun bateu com o punho no peito. "Obrigado, judicante." O guerreiro foi até os moduladores. Um deles lhe entregou um bloco retorcido de solarita. Os olhos de Rohana se apertaram. Eles estavam

manuseando aquela substância volátil casualmente demais; ela se lembrava de dezenas de instâncias em que esse tipo de coisa tinha terminado em desastre.

Nada menos que dezoito naves espaciais tinham sido destruídas devido a explosões de solarita... Uma aldeia inteira tinha queimado até o chão oito séculos antes...

Shantira tocou seu ombro. Rohana afastou sua mão e sua tentativa de confortá-la através do Khala. "Isso é bobagem", Rohana disse a ela, calmamente.

"A solarita só se torna instável quando é sacudida com muita força", respondeu Shantira. "E só às vezes. Uma vez em cada cinco, mais ou menos."

"Isso não me deixa mais tranquila."

"Pense dessa forma", disse Orlana, com algum humor nos olhos. "Se explodir, nós morreremos rápido e sem dor. Se for pra morrer, vamos manter a pose."

Rohana não disse nada, mas seu humor já havia melhorado.

Adun merecia aquela honra, é claro. Poucos comandantes vivos tinham demonstrado um uso tão inteligente das táticas militares quanto ele. Mas os sentimentos de Rohana não refletiam os de suas irmãs.

Elas sentiam respeito e admiração por ele. Rohana já se resguardava. Era possível que comandantes ficassem inteligentes *demais*. Ela sabia que *líderes engenhosos morrem quando sua sorte acaba*. Um comandante bem engenhoso tinha tentado usar sua própria nave para içar outra nave-mãe da órbita de uma estrela de nêutrons, por exemplo. Uma ideia brilhante, arruinada por uma falha ignorada.

Essa memória ainda causava desconforto. Estranho. A solução estava ali. Suas inseguranças deveriam ter sumido. Ela tentou ignorar as emoções. Não seria nada bom se suas inquietações chegassem aos outros.

Adun colocou a solarita na base da esfera enorme e então se afastou.

A solarita brilhava. Então a enorme esfera acima dela também brilhou. Com um alto estrondo o núcleo solar se acendeu, produzindo um zumbido baixo, sua luz ofuscante e calor contidos pela carcaça. A arca sideral começou a tremer. E então começou a se mover. Ela subiu, deixando a

atmosfera de Aiur tão suavemente que os presentes custaram a acreditar. Em minutos, apesar do tamanho, atingiram uma órbita estável.

Tal era o poder do núcleo solar. Uma estrela sintética. Extrair sua energia sustentaria todas as operações na nave — e os milhares e milhares de soldados e tripulantes que um dia viveriam nela — por um número incalculável de anos.

A arca sideral era realmente uma maravilha. Mardonis batizara a nave como a *Lança de Adun*.

Quando a cerimônia terminou, Adun foi teleportado de volta à sua frota. O Conclave ficou para falar com as grã-preservadoras. "Estamos em desacordo e buscamos seu conselho", disse Mardonis.

Todos tinham retornado à ponte de comando. Agora que estavam em órbita, Aiur girava lentamente sobre suas cabeças. "Esta arca sideral é tudo o que vocês esperavam, não é? Um baluarte contra desastres."

Orlana falou com confiança em nome das irmãs. "Sem dúvida, judicante."

"Nós já iniciamos a construção de outras duas. E agora?", perguntou Mardonis. "De quantas mais nós precisamos?"

Rohana piscou. *Surpresa. Confusão.* "Não entendi."

Mardonis explicou. Construir cada arca sideral necessitou de uma quantidade inimaginável de recursos — tantos que outros esforços, como o de colonizar novos sistemas, estavam atrasados. "A *Lança de Adun* é suficiente para lutar uma guerra sozinha, mesmo contra um inimigo de poder equivalente." Ele afastou as mãos em um gesto abrangente. "Nós não temos inimigos de poder equivalente. Ninguém é capaz de desafiar os Primogênitos."

"Hoje, não. Nem ano que vem. Nem no próximo século." Rohana começou a vasculhar as memórias das gerações passadas. Ela deixou que algumas memórias seletas fossem do Khala até Mardonis para que ele entendesse o que ela queria dizer. "É sempre o ataque inesperado que ameaça o maior poder. Como você disse, a *Lança de Adun* é nosso baluarte contra o desastre. Mas ela não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Mais arcas siderais nos darão mais segurança. Três é um bom número. Mais seria melhor."

Ela se surpreendeu ao sentir as irmãs discordando. Ela se voltou para elas. "Vocês têm uma perspectiva diferente?"

Shantira inclinou a cabeça. "Você fala de guerras milhares de anos no futuro, Rohana. Eles falam de algo mais sutil: o esgotamento de recursos. Será que devemos gastar tanto nisso..."

"Nosso império tem bastante recursos", interrompeu Rohana.

Hoje. Ano que vem. No próximo século." A voz gentil de Shantira impediu que a reprimenda doesse. Muito. "Se um dia os recursos acabarem, uma frota de arcas siderais não irá nos salvar. Nós vamos precisar de colônias. Há limites para o uso de poder de fogo e para nossa rede de transdobra. E mais colônias vão precisar de uma janela de escape maior para quando for necessário."

Orlana ergueu a mão. "Deve haver um equilíbrio. O Conclave nos colocou uma questão que não temos como responder tão facilmente. Devemos nos recolher e debater. Isso levará algum tempo", avisou a Mardonis.

O judicante fez um gesto de anuência. "Nosso império pode construir as duas outras arcas siderais sem esforço. Só queremos seu conselho no que concerne a mais arcas. Vocês terão todo o tempo de que precisarem."

"Seremos extremamente cuidadosas em nossa deliberação", disse Orlana.

"Seremos", concordou Rohana. Aquela pequena dúvida, aquela inquietação, ainda não sumiria de todo. Talvez essa tarefa fosse exatamente o que ela precisava para expulsá-la finalmente.

Parte três

Os anos se passaram. As grãs-preservadoras vasculharam suas memórias. A questão da arca sideral tinha muitas nuances. Nenhum momento particular da história a responderia. Elas reviveram guerras. Desastres. Descobertas. Qualquer coisa que pudesse iluminar seus caminhos.

No começo, Rohana estava certa de que os Primogênitos se comprometeriam a construir quantas arcas siderais fosse possível. Assim, mesmo a destruição total de uma arca não prejudicaria as chances de sobrevivência dos protoss. Agora ela já não tinha tanta certeza. Havia muitas memórias de líderes descuidados que tinham gastado recursos de forma irresponsável e pagaram um alto preço por seus erros.

E havia a questão prática: depois de mais de um século, a *Lança de Adun* não conhecera a batalha. Nem sequer uma vez. A nave passava o tempo escoltando colonos para novos planetas, tarefa na qual se mostrava especialmente útil. Mas para quê construir mais e mais armas quando não havia nada contra o que lutar? Talvez três arcas siderais fossem suficientes. Talvez não.

Ela ainda não tinha a resposta.

Mas a questão não a consumia, ou a suas irmãs. Elas eram grã-preservadoras. Tinham alunos a treinar. Memórias a preservar.

E conselhos a dar.

Orlana não tentou esconder seu choque. "Seu plano é tolo e vai causar a morte dos seus subordinados", disse, ríspida.

O líder da colônia gesticulava bastante ao falar. "Nós não tememos a morte, e achamos que vai funcionar", disse ele. *Determinação. Teimosia*. Uma combinação perigosa quando alguém se preparava para arriscar vidas. "A temperatura no planeta não é tão baixa. Já obtivemos medições de 1,3 graus!"

Ele queria dizer um vírgula três graus acima do zero absoluto. Nem o vazio do espaço era tão frio.

"O seu equipamento vai falhar e você vai congelar", afirmou Orlana. "Mas mesmo que isso não aconteça, você está destinado a uma morte precoce."

"Por quê?"

Ela evocou uma memória e a canalizou para o Khala, para que o líder da colônia também a vivenciasse.

... O grande explorador foi o primeiro a escalar o pico mais alto de Aiur e o primeiro a mapear seus oceanos. Ele nutria um desejo insaciável de ver o desconhecido, de examinar o novo. Mas sempre viajava sozinho. Ele insistia nisso, pois sabia que um dia encontraria um desafio que não conseguiria superar, e se recusava a condenar alguém mais à morte por isso. E de fato, foi nas cavernas dos Picos Médios que ele encontrou seu fim, quando um tremor deslocou várias toneladas de rocha, enterrando-o vivo e extinguindo sua vida em um instante...

"O seu desejo jamais se extinguirá", disse Orlana. "Você será atraído para riscos cada vez maiores. Isso não é imoral. Os Primogênitos celebram tal espírito. Ao testar seus limites, você mostra a todo um império o que é possível alcançar. Mas você ainda não entendeu que este é um caminho que se deve trilhar sozinho." Ela canalizou mais algumas memórias no Khala, de outros exploradores que tinham morrido ao explorar o desconhecido." Vá ao planeta, se for necessário. Deixe seus seguidores assistirem da órbita, em segurança. Não permita que eles se arrisquem. Orgulho e fascinação os farão acompanhar você, se você pedir. Não peça."

O líder da colônia ficou abalado, mas insistiu. "Nem todas as mortes devem se dar no campo de batalha, grã-preservadora. Se o meu fim chegar em novas fronteiras, que seja. Meus seguidores partilham das minhas crenças."

Orlana não esmoreceu. "Será mesmo? Eu posso senti-los aqui perto. Eles admiram suas convicções, mas não compartilham delas. Eles seguem você porque buscam glória. Eles não entendem os riscos que correm ao seu lado."

O líder da colônia agradeceu a ela. "Eu vou considerar o seu conselho." Orlana sabia que ele não seria dissuadido, e sabia que ele não era obrigado a obedecê-la. Ele podia desconsiderar o seu conselho.

Um ano depois, ela sentiu quando as dezoito almas começaram a expedição. Eles pousaram no planeta gélido e desolado. Doze dias depois, o equipamento falhou.

Com muita tristeza, ela também preservou suas memórias. Outra história de aviso.

"Sempre haverá quem queira seguir os tolos", disse às irmãs. "E sempre haverá tolos prontos para liderá-los."

Aquilo a incomodava de maneiras que ela não conseguia identificar.

O mestre de treinamento dos Templários foi até elas e se ajoelhou. Ele tremia. Sua mente e suas emoções estavam agitadas. "Eu temo a mudança", disse, "e isso pode nos condenar a todos."

Os rigores do treinamento de guerreiro eram uma tradição entre os protoss há muitas gerações. Os Templários eram testados desde tenra idade em sua aptidão para o combate. Os que tinham inclinações espirituais eram ensinados pelos altos templários a usar táticas de combate psiônicas. Os que tinham dotes físicos aprendiam a arte da lâmina e as danças da guerra.

Agora estavam sugerindo que as duas escolas de treinamento deveriam ser combinadas. Os fanáticos guerreiros usariam o poder psiônico de formas mais etéreas. Os altos templários entrariam no campo de batalha treinados em combate mano a mano. Talvez um dia as diferenças entre os dois tipos de guerreiro se apagassem completamente. Só haveria uma abordagem para o treinamento marcial.

O mestre se opusera a tudo aquilo. Mas, depois de décadas de debates com filósofos e jovens prodígios, sua força de vontade tinha se enfraquecido. "Guerras diferentes vão exigir táticas diferentes", disse ele, abatido. "Talvez eu esteja errado. Eu tenho o poder de resistir à mudança, mas se eu estiver errado, condenarei nossos guerreiros à obsolescência. Eles estarão despreparados para as guerras do futuro."

As três irmãs estavam ouvindo ele falar, e as três chegaram à mesma conclusão. "Grande mestre", disse Rohana. "Não ceda."

Ele ergueu o olhar até elas.

Rohana mostrou a ele não uma só memória, mas dezenas. Batalhas. Fanáticos que se sobressaíam na batalha. Altos templários que viravam os rumos da guerra em um instante. "Veja como se movem, como pensam", disse Rohana. "Veja como estão concentrados. Eles obtiveram a vitória em circunstâncias impossíveis porque eram mestres de seus dons. Eles não desperdiçaram treinamento, lutando para adotar técnicas que não lhe serviam. Eles foram treinados até a perfeição e ao máximo de fúria de acordo com seus talentos e aptidões naturais. Eles foram sustidos assim por mestres como você. De fato, as guerras trazem novas táticas. Mas é o guerreiro bem treinado quem consegue se adaptar. Os que conhecem seu verdadeiro potencial sabem como empregá-lo."

"E mais importante ainda", acrescentou Orlana. "Nós Primogênitos repousamos sobre nossas tradições como um prédio sobre seus alicerces. Negligenciar isso é cortejar o desabamento."

Rohana aquiesceu. Um ditado de um antigo filósofo adejou na superfície da sua mente. Ela compartilhou a memória com os presentes. "*Não é o vento que derruba a árvore, mas sim a corrosão oculta das raízes*", recitou.

"Sim. Eu compreendo." A melancolia do mestre se dissipou. Em seu lugar, sobreveio alívio. "Muito obrigado, grã-preservadoras."

Rohana sentiu quando ele voltou aos seus deveres. Ele era continuamente desafiado pelas novas filosofias, mas se manteve firme, fiel às tradições, sem vacilar.

"Todos os Primogênitos poderiam aprender com o exemplo dele", disse às irmãs. Mas ela se inquietava. Nem sempre haveria alguém como ele para proteger os alicerces das tradições dos protoss.

Aquilo podia vir a custar muito para os protoss.

Shantira comungava com uma dúzia de moduladores há mais de um mês. Eles se sentavam diante dela, fascinados, submersos nas memórias sem fim dos mestres do passado. Não havia uma grande crise a resolver. Eles simplesmente amavam aprender. E Shantira amava ensinar.

Rohana e Orlana não interferiam. Mas quando os moduladores saíram, Shantira estava inquieta. "Eles podem ter topado com a solução para o nosso problema das arcas siderais", perguntou-se.

Aquilo chamou a atenção de suas irmãs no ato.

Elas se afastaram dos suplicantes. "Fale, irmã. Estamos ouvindo", disse Rohana.

Shantira tentou organizar os pensamentos. Ela estava visivelmente frustrada. "A resposta estava lá. Eu sei que estava. Por que não consigo encontrá-la?". Ela olhou para cima, exasperada. "Eu tinha a resposta. Agora eu a perdi. Eu não entendo."

"Comece do começo", disse Orlana. "Nós ajudaremos você a encontrá-la."

Os moduladores tinham sido atraídos para as memórias dos lendários inventores da casta Khalai. Certos avanços só tinham sido conquistados porque mentes elevadas tinham ousado questionar a

sabedoria convencional. Aquilo tinha ocorrido até recentemente: um modulador que ainda vivia tinha desenvolvido um sistema de teleporte rápido para naves-mãe. Essa técnica única, que possibilitou às naves-mãe efetuar "convocações em massa" de tropas próximas e delas mesmas para locais seguros, permitia escapar instantaneamente de situações letais. Essa inovação sozinha eliminou o perigo de um incidente como o que destruíra as duas naves-mãe quase duzentos anos antes.

A explicação de Shantira se interrompeu. Houve silêncio. Sua frustração aumentou outra vez. "Ela está aqui. Há alguma coisa imersa no Khala e *eu não consigo encontrar*. Por que a resposta *quer se esconder de mim*?"

Não era o caso, obviamente. "A destruição das naves-mãe foi um momento caótico. É difícil passar por tantas memórias tão rapidamente", disse Orlana.

"Não é isso". Shantira franziu o cenho. "É como se houvesse uma criatura no Khala que não quer que eu descubra a resposta."

Elas sabiam que essa criatura não existia, mas isso era irrelevante. "Onde está a verdade, Shantira? Nas memórias das tripulações das naves-mães ou no passado mais além?", perguntou Rohana.

"Mais além. Mais além." Seus olhos se arregalaram subitamente. "Khas. É isso. O grande Khas."

Todos os protoss conheciam aquele nome. Khas, que uniu as tribos em guerra ao conectá-las pelo Khala. Sem ele, toda a espécie teria sido extinta na guerra civil. "Por que os moduladores estavam buscando as memórias de Khas?", perguntou Orlana.

"Ele foi o primeiro e mais memorável exemplo de uma mente elevada", disse Shantira. "Ele viu uma opção que os outros nem sequer tinham imaginado. E assim ele uniu nossas emoções. Essa capacidade intuitiva é a característica que levou às nossas maiores descobertas e nos levou às estrelas." A frustração dela enfraqueceu e se dissipou. "Essa é a resposta. Nós estamos discutindo sobre a necessidade das arcas siderais para impedir tragédias. Mas não é para isso que elas servem. Não é assim que Khas teria pensado. Khas não *impediu* a guerra civil, mas ele nos permitiu sobreviver ao nosso barbarismo."

As emoções de Orlana esfriaram. "Sempre haverá quem siga os tolos", murmurou.

Rohana se aproximou dela. "Espero que você não esteja chamando Khas de tolo".

"Não", disse ela, ríspida. "Ele foi o único que não foi tolo. Há algo ocupando meus pensamentos há anos, irmãs. Um conceito simples: nós Primogênitos não somos imunes a decisões erradas." Orlana fez um gesto desconsiderando a resposta que sabia estar por vir. Aquela não era exatamente uma revelação profunda; se os protoss não pudessem cometer erros, não haveria necessidade de grã-preservadoras. "Quando você mencionou Khas, eu só consegui pensar no que ele foi forçado a enfrentar." Ela fechou os olhos. "Uma guerra iniciada por tolos que se consideravam sábios. Eles acharam que seus motivos eram puros e levaram seu povo ao morticínio. Foi preciso um ponto de vista radical para ver a verdade, e o Khala nos uniu de uma maneira à prova de tolos. Você está certa, Shantira. Nós estamos abordando a questão das arcas siderais da forma errada."

Shantira estava se retraindo. Obviamente achava que aquele era um salto na lógica. "Guerra civil é improvável nessa época. Mas eu tenho medo de pensar no que poderia acontecer se as arcas siderais se envolvessem."

Aquele era um pensamento amedrontador. "Orlana, não é isso que você pensa, é?", perguntou Rohana.

Incerteza se imiscuiu nas emoções de Orlana, não por sua ideia, mas por sua percepção de seu povo. "Eu não acredito que os Primogênitos irão se dividir outra vez. Mas ao longo dos séculos, nós temos visto sinais desconcertantes, não? Nós consideramos as arcas siderais como defesas contra pequenas falhas."

"O desastre das naves-mãe", disse Shantira.

"Sim. Era *isso* que nós temíamos. Uma falha pequena destruindo algo grandioso. Mas a Era da Discórdia não resultou de uma pequena falha. Resultou de inúmeros pequenos conflitos que forçaram até os xel'naga a nos abandonarem."

Rohana percebeu aonde Orlana queria chegar e se sentiu mal. *Não é o vento que derruba a árvore, mas sim a corrosão oculta das raízes.* Ela se rebelou contra as implicações. Tinha que se rebelar. "Os protoss ascenderam para além disso, Orlana. O Khala e nossas tradições não nos deixarão cair novamente em uma arrogância tão profunda. Não é possível."

O medo se espalhou subitamente de Shantira. "Não, Rohana. Não apenas é possível. É certo."

"O quê?"

"Em algum momento nós iremos falhar. Sim, iremos. É matematicamente irrefutável", disse Shantira. "Nós sonhamos com o império protoss perdurando por toda a eternidade. Mas nós sabemos — nós *sabemos* — que não podemos eliminar todas as falhas ocultas. Nós estamos considerando como lidar com as consequências de desastres individuais. Nós não consideramos como lidar com o dia em que os Primogênitos terão que lidar com a extinção. Talvez nós mesmos sejamos a causa; talvez seja um inimigo. Mas esse dia vai chegar."

Houve silêncio na câmara por um longo tempo. Cada irmã sentia as emoções das outras fervendo de medo e dúvida.

Orlana falou primeiro. "As arcas siderais. Elas ainda são a solução."

"Não tenho tanta certeza", disse Shantira.

"Uma só arca sideral seria o bastante", disse Orlana, "e nossa civilização suportaria qualquer coisa, até a destruição de todos os planetas dos Primogênitos. Ela poderia escapar entre as estrelas até encontrar um abrigo para estabelecer como nosso novo lar. Nós não as consideramos para uma situação tão drástica, mas a arca sideral é mais do que capaz de fazer isso."

"Talvez", disse Shantira, incerta.

Rohana ouviu as irmãs, lutando contra as emoções que surgiam em seu íntimo. *Determinação. Frustração.* Tratar a extinção como uma certeza era enfurecedor. *Tem que haver outra solução,* pensou ela. *Esse não pode ser nosso destino.*

Com um baque, ela se deu conta: *Era exatamente isso que os membros das naves-mãe acreditavam.*

Uma nova emoção, *desespero*, aflorou tão subitamente que suas irmãs quedaram-se em silêncio.

"Rohana?" perguntou Orlana, baixinho. "O que aconteceu?"

"Um momento, por favor", disse Rohana. "Me deem um momento."

Elas esperaram. Rohana parou de lutar contra as emoções. Deixou que fervessem dentro dela. As irmãs dela estavam ali com ela e no Khala, e o apoio delas era uma âncora no redemoinho. Ela iria sobreviver.

Mas ela não queria explicar. Uma solução terrível tinha lhe ocorrido, e expressá-la em palavras a tornaria responsável pelo resultado. *Raiva. Negação.* Tinha que haver outro jeito.

Não havia.

Finalmente Rohana falou. "Nós construímos as arcas siderais cedo demais."

As irmãs olharam para ela, esperando a explicação. Sentiam sua inquietação. Ela sentia-se angustiada por ter que compartilhá-la.

Rohana continuou. "Você tem razão, Orlana. Uma única arca sideral seria suficiente para que nossa raça sobrevivesse ao fim dos tempos. Mas não restarão arcas siderais no final, não importa quantas nós construamos", disse ela. "Quando o fim dos tempos chegar, qual será nossa resposta imediata? Nós enviaremos um arca, todas as arcas siderais de que dispusermos, para confrontar a ameaça de frente." Rohana enviou trechos rápidos de vidas passadas para as irmãs pelo Khala. Todos guerreiros orgulhosos, até o último, enfrentando a morte com coragem. Cada um deles acreditava que a vitória era possível mesmo ao marchar contra chances ínfimas de sucesso. O orgulho era o grande trunfo dos protoss, e também sua maior maldição. "Os Primogênitos não fogem. Nunca. As arcas siderais serão desperdiçadas porque os comandantes não perceberão a derrota até que seja tarde demais. *Até a gravidade se fazer sentir e o limite ser cruzado.* E quando as arcas queimarem, também queimarão as esperanças do nosso povo. Nossa cultura, nosso império, nosso povo... tudo vai perecer em chamas."

Shantira e Orlana ponderaram as palavras com cuidado. Rohana as sentiu vasculhando as próprias memórias preservadas, buscando algo para refutá-la. Ela torceu por pelas irmãs.

Elas não encontraram nada. Os protoss buscavam a glória da morte quando a vitória era impossível. Os guerreiros Primogênitos eram fiéis absolutos. Se um inimigo realmente invencível aparecesse, fugir em uma arca sideral não seria considerado nem como última opção.

"Rohana, eu sinto sua angústia", disse Orlana. "Você tem a resposta em mente e ela faz você sofrer."

"Eu espero que haja outra maneira", disse Rohana, em desespero. "Pelos ancestrais, eu espero que você possa encontrar um caminho que não nos separe."

Clarões de surpresa chispavam pelo Khala, atingindo Rohana como golpes físicos. "O que poderia nos separar?", perguntou Orlana.

Rohana contou a elas.

Elas levaram dias debatendo e examinando as razões da irmã. Quando terminaram, não havia mais emoções, a não ser uma. A emoção final.

Aceitação.

Parte quatro

O Conclave estava ansioso. Depois de tanto tempo, receber resposta quanto à questão da arca sideral seria uma bênção. Mas as grã-preservadoras entraram na câmara com expressão sombria e determinada. Seu humor se espalhou rápido.

E então as irmãs explicaram seus motivos, reforçados pelas memórias vívidas de outros.

"É simples matemática e probabilidade", concluiu Shantira. "Virá o dia em que nem uma arca sideral poderá evitar a extinção."

Os membros do Conclave trocaram olhares. *Choque. Pasma.* Suas emoções pregressas — *negação, teimosia* — tinham se dissipado em incontáveis memórias preservadas. Finalmente Mardonis respondeu. "Vão dizer que vocês estão pregando o fim...", disse ele.

"No momento, estamos", disse Orlana, sem alterar o tom de voz.

Rohana teve que suprimir uma onda de jocosidade. Aquela emoção não condizia com a reunião.

"Mas nossas arcas siderais são poderosas. Por que elas falhariam?", perguntou Mardonis.

"Elas serão desperdiçadas", disse Rohana. "Nós as usaríamos para adiar tragédias das quais seria possível sobreviver. Poderíamos sofrer a perda de milhares de naves-mãe em exploração, e nossa raça sobreviveria. Poderíamos perder mil colônias e ainda ter esperança. Mas é como vocês disseram há muito tempo: essas arcas requerem investimentos impressionantes. Nós temos três? Ótimo. Nós podemos preservá-las. Mas não precisamos de mais."

Uma parte em especial chamou a atenção dos membros do Conclave: "*preservar*". Nenhum se esqueceu das implicações dessa palavra, não estando diante de três grã-preservadoras.

"Vocês têm um plano", disse Mardonis.

"Temos."

"Preservar as arcas até o momento que forem mais necessárias?"

"De fato", disse Rohana. "*A Lança de Adun* não deve continuar a escoltar os colonos. Ela deve ressurgir quando toda a esperança estiver perdida, para carregar o que restar de nossas tradições, e para atacar seja lá o que tentar acabar conosco."

"Como?", perguntou Mardonis.

"As arcas siderais devem ser mantidas a salvo. Não devem ser lançadas antes que seja necessário", disse Rohana. "A solução mais simples pode ser a melhor. Elas devem ser cuidadosamente enterradas, com mecanismos prontos para enviá-las às estrelas."

Os anciãos ouviram suas vozes. Agora precisavam discuti-las. Eles o fizeram, ao longo dos anos, que se tornaram décadas. As três irmãs estavam sempre disponíveis para as reuniões. Levou tempo.

No final, o Conclave chegou à mesma conclusão das grã-preservadoras. E os anciãos já tinham começado a fazer planos. "Nesses dias sombrios, precisaremos de um exército. Nós podemos manter milhares de soldados e tripulação em estase nessas naves", disse um comandante alto templário. Todos concordaram com isso.

"Nós também iremos", disse Rohana.

E pronto. Suas palavras silenciaram o Conclave. O Khala estremeceu de surpresa.

O limite foi cruzado. Não há como voltar atrás, pensou ela.

"Existem três arcas siderais", explicou Orlana. "E existem três de nós."

"Quando o fim dos tempos chegar, haverá necessidade de conselho e perspectiva", disse Shantira.

"E", acrescentou Rohana, "é preciso preservar nossa história e nosso legado."

Uma judicante anciã se levantou, com os olhos penetrantes. "Se o fim chegar, imagino que será... inimaginavelmente caótico. Talvez nem todas as arcas sobrevivam. Talvez nem todas três de vocês acordem", disse ela.

Orlana aquiesceu. "De fato, talvez isso aconteça."

"Isso não muda nada?"

"Nem um pouco", disse Rohana. "Nosso dever é preservar. Nós estamos prontas. Vocês estão?"

As três arcas siderais foram enterradas em Aiur. Fora uma tarefa monumental. Ninguém jamais tentara escavar fossos de dezenas de quilômetros de profundidade antes. Mas estava feito.

Três cidades em Aiur agora possuíam gigantescas matrizes de lançamento escondidas sob o solo. Caso houvesse algum desastre, as arcas siderais podiam sair do planeta rapidamente.

Tinha havido anos de preparação para a estase. As grãs-preservadoras tinham passado suas memórias para outras preservadoras, garantindo que nada seria perdido mesmo se nenhuma delas voltasse a acordar. As irmãs raramente saíam da companhia uma da outra naquela época.

E agora aquele tempo chegava ao fim. As arcas siderais foram desligadas, os núcleos solares foram arrefecidos e as linhas de energia tornaram-se pulsos fracos nos salões de cápsulas de estase.

Shantira entrou na *Orgulho de Altaris* sem olhar para trás. *Calma. Determinação. Aceitação.* "As coisas serão tão diferentes quando acordarmos", disse ela. Uma hora depois, sucumbiu à estase e se apagou do Khala.

A ausência de Shantira doeu no coração de Rohana como se ela tivesse morrido. Orlana sentia o mesmo. "Nós não temos nem a honra de preservar as memórias dela", disse ela, triste.

Um dia depois, Orlana chegou à *Memória de Nezin*. Deixou que os pés tocassem o chão e caminhou para dentro. "Adeus, irmã", disse.

"Adeus", Rohana ficou parada, protegendo suas emoções até Orlana entrar em estase.

Então ela caiu de joelhos e uivou para o Khala.

Sua angústia interrompeu a tranquilidade de Aiur, chocando o mundo inteiro. Uma onda de simpatia a cobriu, mesmo que a população não soubesse por que ela chorava. Não ajudou.

As preservadoras estudavam o passado, mas só podiam tentar adivinhar o futuro. Então por que Rohana estava consumida pela certeza de que ela acordaria e suas irmãs não?

Ela implorou aos ancestrais, esperando que ouvissem. *"Deixem-me morrer. Não elas. Essa ideia foi minha."* Ela podia ter ido depressa para a estase para encontrar ali a paz do sono. Não. Recusou-se. Rohana não se esconderia da dor. Ela a aceitaria e ficaria feliz por ela. Cada chaga em seu coração seria um testamento às irmãs e ao vínculo que compartilhavam.

Se ela um dia acordasse, seria para testemunhar o fim de todas as coisas. Ela precisava estar pronta. Sua mente estaria firme e seu propósito, claro.

Quando a agonia passou, só restou a emoção final. *Aceitação.*

Viajou sozinha até a *Lança de Adun*. Lá, estava tudo quieto. Quando ela acordasse — se ela acordasse —, o lugar certamente estaria diferente. Rohana flutuou pela nave, parando brevemente

nas câmaras do conselho de guerra. "*Será aqui*", ela bem sabia. Seria ali que ela e o comandante debateriam como salvar seu povo da extinção.

Rohana saiu da área do conselho de guerra e entrou nas câmaras de estase. Na escuridão ela mal discernia os milhares e milhares de cápsulas ocupadas. Não haviam faltado voluntários para aquele longo sono. Tomar parte no último exército dos Primogênitos? O último bastião de esperança contra o desastre? Muitos fanáticos só podiam sonhar com aquela oportunidade. Até o mestre dos Templários, que tão assiduamente preservara o treinamento tradicional tinha se voluntariado, determinado a garantir que os guerreiros dos últimos dias estariam preparados.

Rohana entrou em sua cápsula de estase. A porta se fechou atrás dela. Uma névoa suave e fria preencheu a câmara e a mente de Rohana começou a esvanecer. Ela se perguntou quem comandaria os protoss quando ela acordasse. Ela se perguntou se ele estaria à altura do desafio.

Se não estiver...

Eu farei com que esteja.

Adeus, irmãs.